

PRIMEIRO LUGAR NA LISTA DO *THE NEW YORK TIMES*

RUTA SEPETYS

O sal das lágrimas

"Um romance histórico magistral."

— *The Wall Street Journal*



ARQUEIRO



O ARQUEIRO

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

RUTA SEPETYS

O sal das
lágrimas



Para meu pai.

Meu herói.

DINAMARCA

SUÉCIA

VISÃO GERAL EM
1945

Steuben

BORNHOLM
(DINAMARCA)

Kiel

Sassnitz

Berlim

ALEMANHA

Heidelberg





Nós, os sobreviventes, não somos as verdadeiras testemunhas. As verdadeiras testemunhas, as que possuem a verdade indizível, são os afogados, os mortos, os desaparecidos.

– PRIMO LEVI

joana

A culpa é uma caçadora.

Minha consciência zombava de mim, procurando briga como uma criança petulante.

É tudo culpa sua, sussurrou a voz.

Apertei o passo e alcancei nosso pequeno grupo. Os alemães nos fariam sair da estrada rural se nos encontrassem. As estradas eram reservadas para os militares. Não tinham sido expedidas ordens de evacuação e qualquer um que fugisse da Prússia Oriental era rotulado de desertor. Mas que importância tinha isso? Eu me tornara desertora quatro anos antes, quando fugi da Lituânia.

Lituânia.

Eu havia partido em 1941. O que estaria acontecendo em casa? Será que as coisas terríveis que se cochichavam nas ruas eram verdade?

Nós nos aproximamos de um pequeno monte na beira da estrada. O garotinho à minha frente choramingou e apontou. Tinha se juntado a nós dois dias antes; simplesmente vagara sozinho para fora da floresta e começara a nos seguir em silêncio.

– Olá, menininho. Quantos anos você tem? – eu havia perguntado.

– Seis – fora a resposta.

– Com quem você está viajando?

Ele fizera uma pausa, baixando a cabeça:

– Minha *omi*.

Eu me virara para o bosque, para ver se sua avó estava vindo de lá.

– Onde está a sua *omi*?

O menino errante me fitara, os olhos claros arregalados:

– Ela não acordou.

E então o garotinho passou a viajar conosco, muitas vezes se desviando um pouquinho à frente ou atrás. E, nesse momento, parou, apontando para uma aba de lã escura sob um suspiro de neve.

Fiz sinal para o grupo seguir adiante e, quando todos avançaram, corri

até o monte coberto de neve. O vento levantou uma camada de flocos de gelo, revelando a face morta e azulada de uma mulher, provavelmente na casa dos 20 anos. A boca e os olhos estavam abertos, petrificados de medo. Vasculhei seus bolsos gelados, mas alguém já os tinha esvaziado. No forro de seu sobretudo encontrei seus documentos de identificação. Guardei-os no meu casaco, para entregá-los à Cruz Vermelha, e arrastei o corpo para o campo, fora da estrada. Ela estava morta, solidamente congelada, mas eu não podia suportar a ideia de tanques rolando por cima dela.

Voltei correndo para a estrada e para nosso grupo. O menino errante parou no meio da pista, a neve caindo à sua volta.

– Ela também não acordou? – perguntou em voz baixa.

Balancei a cabeça e segurei sua mão enluvada na minha.

E então, ambos o ouvimos ao longe.

Bum!

florian

O destino é um caçador.

Os motores zumbiram num enxame no céu. *Der Schwarze Tod*, “a Morte Negra”, era como os chamavam. Eu me escondi sob a copa das árvores. Os aviões não estavam visíveis, mas eu os sentia. Perto. Encurralado pela escuridão à frente e atrás, pesei minhas opções. Houve uma explosão e a morte se esgueirou para mais perto, envolvendo-me em arabescos de fumaça.

Corri.

Minhas pernas se debateram, lentas, desconectadas do meu pensamento acelerado. Forcei-as a se moverem, mas minha consciência deu um nó nos meus tornozelos e me puxou para baixo, com força.

“Você é um rapaz talentoso, Florian”, elogiara minha mãe.

“Você é prussiano. Tome suas próprias decisões, filho”, dissera meu pai.

Será que ele aprovaria minhas decisões, os segredos que eu agora carregava nas costas? Em meio àquela guerra entre Hitler e Stalin, mamãe ainda me consideraria um talento ou um criminoso?

Os soviéticos me matariam. Mas de que modo me torturariam antes disso? Os nazistas me matariam, mas só se descobrissem o plano. Por quanto tempo ele continuaria sendo segredo? As perguntas me empurravam para a frente, avançando depressa pela floresta gelada, desviando-me dos galhos. Segurava o lado do corpo com uma das mãos, a pistola com a outra. A dor me inundava a cada respiração, a cada passo, o sangue quente jorrando do ferimento inflamado.

O som dos motores diminuiu. Fazia dias que eu estava fugindo, e minha mente estava tão fraca quanto minhas pernas. O caçador buscava suas presas entre os exaustos, os esgotados. Eu tinha que descansar. A dor reduziu meus passos a uma corrida lenta e, por fim, a uma caminhada. Por entre as densas árvores da floresta avistei galhos que escondiam um antigo armazém subterrâneo de batatas. Pulei dentro dele.

Bum!

emilia

A vergonha é uma caçadora.

Eu ia descansar um minuto. Eu tinha um minuto, não tinha? Deslizei pela terra dura e fria até os fundos do espaço subterrâneo. O chão estremeceu. Os soldados estavam perto. Eu precisava me mexer, mas me sentia muito cansada. Tinha sido uma boa ideia pôr galhos por cima da abertura do armazém na floresta, não tinha? Ninguém andaria por uma trilha tão distante da estrada. Ou andaria?

Puxei o gorro de lã cor-de-rosa para baixo, cobrindo as orelhas, e fechei mais o casaco junto do pescoço. Apesar das camadas de roupa com que eu me agasalhava, o frio de janeiro era cortante. Meus dedos tinham perdido a sensibilidade. Mechas do meu cabelo, endurecidas de frio até congelar na gola, repuxavam quando eu virava a cabeça. E então pensei em August.

Meus olhos se fecharam.

E depois se abriram.

Lá estava um soldado russo.

Inclinava-se sobre mim com uma lanterna, cutucando meu ombro com sua pistola.

Dei um salto, recuando freneticamente.

– *Fräulein*. – Ele sorriu, satisfeito por eu estar viva. – *Komme, Fräulein*.

Quantos anos você tem?

– Quinze – murmurei. – Por favor, não sou alemã. *Nicht Deutsche*.

Ele não escutou, não entendeu ou não se importou. Apontou a arma para mim e deu um puxão pelo meu tornozelo.

– Shh, *Fräulein* – disse, pondo a pistola sob o osso do meu queixo.

Implorei. Cruzei as mãos sobre a barriga e supliquei.

Ele avançou.

Não. Aquilo não ia acontecer. Virei a cabeça:

– Atire em mim, soldado. Por favor.

Bum!

alfred

O medo é um caçador.

Mas nós, bravos guerreiros, afastamos o medo com um peteleco. Rimos na cara do medo, o chutamos como uma pedra na rua. Sim, Hannelore, redijo estas cartas primeiro em minha mente, já que não posso abandonar meus homens com a mesma frequência com que penso em você.

Você ficaria orgulhosa do seu companheiro vigilante, o marinheiro Alfred Frick. Hoje salvei uma mocinha que ia caindo no mar. Não foi nada, na verdade, mas ela ficou tão agradecida que se agarrou a mim e não queria me soltar.

“Obrigada, marinheiro.” Seu cálido sussurro persistia em meu ouvido. Era muito bonita e cheirava a ovos frescos, mas já houve muitas jovens graciosas e bonitas. Ah, não se preocupe. Você e seu suéter vermelho detêm a primazia nos meus pensamentos. Com que carinho, com que frequência incessante penso na minha Hannelore e nos tempos do suéter vermelho!

Fico aliviado por você não estar aqui para ver isto. Seu doce coração não suportaria a situação traiçoeira aqui no porto de Gotenhafen. Neste exato momento, estou vigiando explosivos perigosos. Sirvo bem à Alemanha. Apenas 17 anos, porém carrego comigo mais coragem do que homens com o dobro da minha idade. Andam falando de uma cerimônia de condecorações, mas estou ocupado demais lutando pelo Führer para aceitar homenagens. As honrarias são para os mortos, como eu lhes disse. Devemos lutar enquanto estamos vivos!

Sim, Hannelore, provarei isto à Alemanha inteira. Há mesmo um herói dentro de mim.

Bum!

Abandonei minha carta mental e me agachei no armário de suprimentos, torcendo para ninguém me achar. Não queria ir para o lado de fora.

Para saber mais sobre os títulos e autores
da Editora Arqueiro, visite o nosso site.
Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos
e poderá participar de promoções e sorteios.

editoraarqueiro.com.br

